

ABRE ASPAS Zulu Araújo e os novos rumos e conquistas da Fundação Palmares



08 MARGARIDA NEIDE / AG. 4 TAREX

CAPA Itacaré, a praia baiana que está no roteiro das estrelas e dos milionários



22 BÉLIO TRIVIERA / AG. 4 TAREX

TERCEIRA DIÁSPORA A baiana Góli Guerreiro lança livros sobre cultura afrotop



32 MARCO GURBIZ MARTINS / AG. 4 TAREX

21 ATALHO
Um passeio pelos vários sabores do restaurante São Tomé de Paripe

30 BIO
Conheça o ator Kadu Veiga, que acaba de peça *Os Cafajestes*

36 SEÇÃO
Drinks elaborados e bonitos, mas que são gota de álcool

40 VINHOS
Brasileiros superam preconceito contra o a consumir os alemães

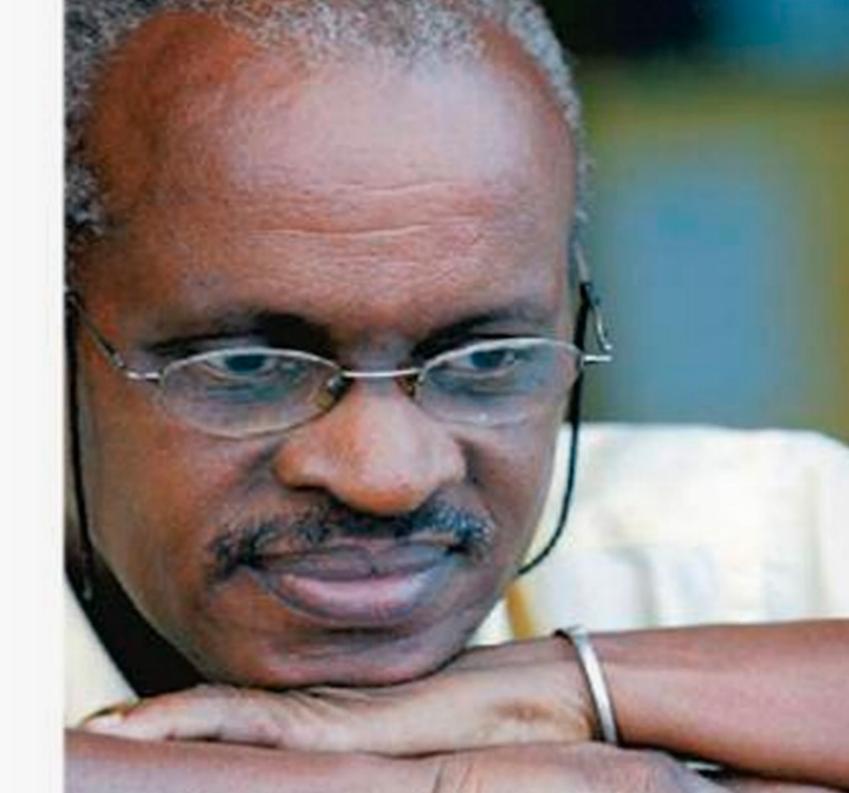
EDITORIAL

A cidade de Itacaré, a 266 km de Salvador, tornou-se o refúgio de celebridades e milionários nacionais e internacionais. A localidade é repleta de praias desertas – perfeitas para longas caminhadas e a prática de esportes, como o surfe –, rios e cachoeiras e ainda abriga hotéis de alto luxo, que misturam mordomia, natureza e privacidade. Um dos resorts locais foi escolhido pelo *The New York Times* como um dos 10 melhores roteiros turísticos da região. Frequentado por estrelas que têm o anonimato preservado pela privacidade de bangalôs escondidos na mata atlântica, na primeira década deste século, o lugar foi descoberto pelos famosos. Primeiro foram os atores Orlando Bloom e Charlize Theron. Em seguida, o casal francês Nicolas Sarkozy e Carla Bruni. A repórter Emanuella Sombra e o fotógrafo Lúcio Távora apresentam a simplicidade e a sofisticação deste paraíso quase intocado, que antes era um destino alternativo de surfistas e hippies. Leia também nesta edição uma entrevista com Zulu Araújo, presidente da Fundação Palmares, que fala sobre racismo na Bahia e ações afirmativas. E a volta por cima dos vinhos alemães. **Nadja Vladi, editora-coordenadora**



Detalhe da paisagem da Praia de Itacaré, em Itacaré, sul da Bahia, em foto de Lúcio Távora

» MAKING OF, VÍDEOS E FOTOS EM REVISTAMUITO.ATRADE.COM.BR
SUGESTÕES, CRÍTICAS: REVISTAMUITO@GRUPOATARDE.COM.BR
SIGA A MUITO EM: TWITTER.COM/REVISTAMUITO



ABRE ASPAS ZULU ARAÚJO ARQUITETO E PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO PALMARES

«O que nós estamos fazendo traz incômodos»

Texto **TATIANA MENDONÇA** tmendonca@grupoatarde.com.br
Foto **MARGARIDA NEIDE** margarida.neide@grupoatarde.com.br

Antes de se “recompor” para a entrevista, o soteropolitano Edvaldo Mendes Araújo, 58, tomava uma cervejinha descalço e botava a conversa em dia com Alaíde do Feijão. Por esse nome, poucos o reconhecem. Tornou-se Zulu aos 13 anos, depois que colegas assistiram ao filme *Adeus, África* e o acharam parecido com o rei da tribo. “Eu era magro, pequeno, mas era danado”. Começou a trabalhar aos 9, primeiro como aprendiz de alfaiate, depois como encadernador de missal no Mosteiro de São Bento. Na Faculdade de Arquitetura da Ufba, imiscuiu-se no movimento estudantil e depois virou militante do movimento negro. “Mas logo vi a bobagem que era o sectarismo. É preciso acolher todos os antirracistas e não apenas os de pele preta”. O entendimento o levou ao Olodum e, depois, à Fundação Cultural Palmares, por convite do então ministro Gilberto Gil. Desde 2007, Zulu preside a instituição.

Como o senhor viu a aprovação esvaziada do Estatuto da Igualdade Racial, que entrou em vigor no dia 20 de outubro? As principais reivindicações do movimento negro ficaram de fora.

A aprovação do estatuto, de qualquer maneira, é algo positivo. Evidente que não foi o ideal, não foi aquilo que se esperava. Mas nós também não podemos ficar nos queixando, porque a luta política é estabelecida na correlação de forças. Nós não tivemos uma correlação de forças suficiente para fazer valer as nossas reivindicações. Nós não temos uma bancada de antirracistas sólida no Congresso e não temos uma mobilização na sociedade civil capaz de pressionar o Congresso para fazer valer os nossos direitos. Então isso faz com que a gente dependa de negociações. Ganha de um lado, perde de outro. Então acho que o

que ocorrer está na medida das nossas forças. E acho que a gente, nesse aspecto, já avançou bastante. Já avançamos muito com as cotas, independentemente do estatuto ou não. Nós temos hoje quase 500 mil jovens negros no ensino superior. No sistema de cotas, são aproximadamente 90 mil, 100 mil e, no Prouni, são 400 mil. Isso significa que dentro em breve nós vamos ter aí aproximadamente 400 mil jovens no mercado de trabalho competindo em igualdade de condições para serem juízes, empresários, ministros. Nós precisamos construir uma *intelligentsia*, um grupo de intelectuais que pense o Brasil como um todo. O movimento negro precisa dar um passo adiante. Precisamos pensar sobre o Brasil, e não apenas sobre a comunidade negra. Somos brasileiros, não somos africanos.

Qual é a relação da Fundação Palmares com a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, ligada à Presidência?

A Palmares é vinculada ao Ministério da Cultura. A relação é de articulação de ordem política. A Segur trabalha com a promoção da igualdade como um todo. Na área da saúde, do trabalho, emprego e renda, educação. Nós trabalhamos com a área da cultura, que é o mais fiel exemplo de resistência que o negro tem no Brasil. A cultura foi o nosso elemento de sobrevivência com dignidade, em qualquer campo. Na literatura, na música, na culinária, na dança, no teatro, você vai ver a marca negra firme e forte, apesar de todas as dificuldades, as discriminações, e apesar de todo o racismo. Nós entendemos a cultura em três dimensões: 1. a dimensão simbólica, lúdica, que é a própria dimensão da linguagem artística, o que nos faz humanos; 2. a dimensão do direito, ou seja, acesso aos bens e serviços culturais; e 3. a dimensão econômica da cultura, algo que gera produto, dinheiro. Lamentavelmente, esse é o lado em que estamos mais atrasados. E não preciso dar exemplo maior que a Bahia. Nós somos os maiores criadores, os maiores produtores culturais, mas, no entanto, quem se apropria da riqueza cultural é um punhado de pessoas da elite branca baiana. Eles se apropriaram até mesmo da logomarca. O samba-reggae virou axé music, com todo o respeito que eu tenho a vários artistas empreendedores, empresários da axé music. Mas não posso deixar de dizer que o axé music nada mais é do que uma

«A Bahia tem um viés de desigualdade muito forte. Temos um racismo fortíssimo aqui, apesar de sermos maioria. (...) Nós temos uma elite insensível e arrogante»

tradução harmônica e muitas vezes sampleada do samba-reggae.

Por que justamente a dimensão “econômica” da cultura é a mais atrasada?

A Bahia tem um viés de desigualdade muito forte, que se expressa na pobreza, na educação, na moradia e na questão da raça. Nós temos um racismo fortíssimo na Bahia, apesar de sermos maioria. Temos uma miséria que é quase animal, em algumas áreas, e ao mesmo tempo nós temos uma elite extremamente insensível e arrogante. E é essa elite que comanda os negócios da maior festa popular do mundo, que é o Carnaval da Bahia. Gira aproximadamente quase R\$ 1 bilhão durante o período momesco, que vai de dezembro até fevereiro. E eles se apropriam de até 80% disso. É uma forma que expropria não apenas a manifestação cultural, mas o ganho dessa manifestação.

Em entrevista à MUITO, Sílvio Humberto, presidente do Steve Biko, dizia que não havia mais necessidade de “reparação cultural”, porque isso o Ilê e o Olodum já tinham feito. O fundador da entidade, a partir disso, transformar a sociedade. Era, senhor concorda com essa afirmação?

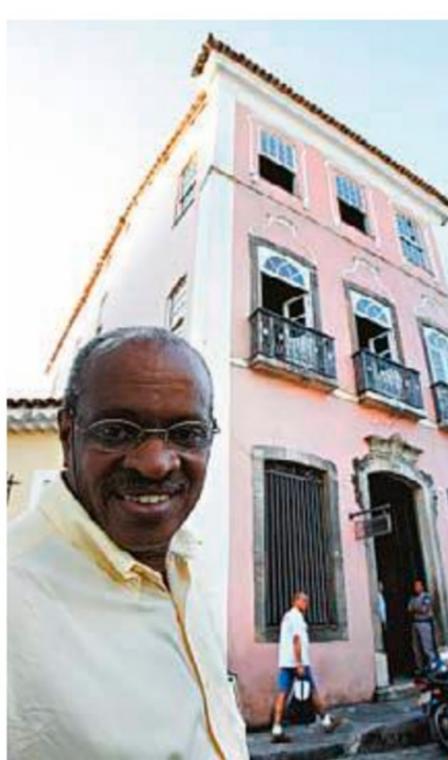
De um lado, está correto o que ele diz, mas é uma afirmação parcial. Não podemos considerar transfor-

mação como algo pleno e acabado num determinado momento. A transformação é permanente. Se houve um processo de reparação que fez com que milhares de jovens negros na década de 1970 e posteriormente milhões agora no século 21 compreendessem a dimensão do racismo e trabalhassem na promoção da igualdade, isso é um dado extremamente importante que não pode ser subestimado, porque se é verdade que continua existindo exclusão econômica e social, também é verdade que nós avançamos significativamente nesse período. E esse avanço é que permite hoje à gente estar discutindo no campo da política, do orçamento público, de cotas para negros na universidade. Na minha época na Ufba, tinham só dois negros na minha sala de aula. Hoje, 40% dos alunos das universidades públicas são afrodescendentes. Isso é de uma felicidade enorme porque revela que a luta que nós travamos está surtindo efeito. É lento, porque a construção do racismo no Brasil durou 400 anos só de regime escravocrata. Então não há passe de mágica, não há invenção, capaz de, de uma hora para outra, desapor a sociedade brasileira e fazer com que ela funcione democraticamente, no plano racial ou político. Estamos vivendo o maior período continuado

do exercício da democracia no Brasil. Então a gente não pode abstrair dessa realidade histórica e considerar que nós, negros, vamos conseguir avançar sem que o resto da sociedade avance. Por isso que eu advogo permanentemente que nós temos que ter alianças, articulação com quem seja antirracista. Pouco importa a cor da pele. Nós precisamos é ter um movimento que seja capaz de derrotar o racismo e promover a igualdade. Até porque se a gente for espremer isso até o fundo, a única raça que existe é a humana. Isso é um chavão, mas é verdade. As demais raças são construções históricas. A gente não pode deixar de reconhecer a existência delas sob pena de a gente viver na hipocrisia. Também não sou daqueles que vai chegar para você e dizer: a raça é humana, então todos nós somos iguais. Ai que lindo, que maravilhoso. Mas eu me chamo Mendes Araújo. Agora você até meiga se eu tenho alguma descendência portuguesa... Até meiga sobrenome expulsa aquilo que a circunstância histórica construiu. Não posso abstrair dessa realidade e pura e simplesmente considerar, ingenuamente, que somos todos iguais e que vamos viver felizes para sempre. Não tenho vocação para selvagem feliz.

Quando se começaram a discutir as cotas, estabeleceu-se um período de cinco anos. Seria o tempo para melhorar a escola pública. Hoje não se fala mais em prazos, e parece que se perdeu de vista o fundamental, que é investir no ensino público.

Não acho que se perdeu. A escola pública precisa ser dignificada, independentemente da existência de cotas. O que nós afirmamos em 2003, quando se instalam as cotas na Uneb, na Bahia, e na Uerj, no Rio, foi que se implantássemos o sistema de cotas na perspectiva que imaginávamos, com 15 anos teríamos zerado esse déficit. E acho que isso vai acontecer. Daqui a 7, 8 anos, não teremos mais estocagem na sociedade brasileira, do ponto de vista do excesso de demanda, para cotas. Dizíamos também que as cotas não iriam desqualificar o ensino superior. Hoje está provado estatisticamente que os cotistas têm desempenho igual ou superior a seus colegas, e o índice de evasão é menor. Diziam que ia ter conflito racial dentro da universidade. Outra balela, outra mentira. Mas por que essas mentiras? Porque, na verdade, a elite brasileira é tão reacionária que imagina que a coisa pública é um privilégio dela, de origem divina. Então o ensino público superior é da elite brasileira e ponto. Os melhores cargos do País são da elite brasileira e pronto.



Zulu Araújo, diante da sede da Fundação Palmares em Salvador

Então o que nós estamos fazendo traz incômodos. Certificamos mais de 1.500 territórios remanescentes de quilombos. Nós mexemos com dois tabus, o da escravidão e o da reforma agrária. Vitamos o alvo principal de vários setores da imprensa brasileira porque fizemos valer aquilo que está na Constituição. Isso é fruto de uma postura política, do entendimento de que a igualdade não pode ser uma figura de retórica. Pegamos a Palmares, que era como uma ONG do movimento negro, e a transformamos.



Por que o senhor diz isso?

Porque a Fundação Palmares era como o queto, permitido para que os negros não ficassem reclamando tanto. Era tratada de uma forma menor. Quando nós entramos na Palmares, eram apenas 13 funcionários e um orçamento de R\$ 8 milhões para o Brasil inteiro. Hoje, são 109 funcionários, com sete representações no Brasil e o orçamento de R\$ 40 milhões.

Nessa questão das comunidades quilombolas, quem vem vencendo? A Palmares ou a pressão da especulação imobiliária, dos fazendeiros?

Até o momento, temos sido vitoriosos, apesar de todos os entraves, da pressão violentíssima desses setores. É preciso entender que os remanescentes de quilombos não foram para essas terras para fazer piquenique. Eles foram para esses rincões do Brasil para garantir um direito mínimo, elementar do ser humano, que é o direito à vida e à liberdade.

«Trabalhamos com a área da cultura, que é o mais fiel exemplo de resistência que o negro tem no Brasil. A cultura foi o nosso elemento de sobrevivência com dignidade»

Então eles precisam ser respeitados, reconhecidos pela bravura que tiveram, seus antepassados, de enfrentar uma sociedade que era baseada na escravidão. O quilombo de São Francisco do Paraguaçu, aqui na Bahia, é emblemático. Não temos ali um impasse, do ponto de vista jurídico, mas a Palmares tomou a defesa daquela comunidade, e, até o presente momento, temos vencido as batalhas. Até o presente momento, os fazendeiros têm se valido muito mais da intimidação ilegal, desrespeitosa, do que, na verdade, de ganhos jurídicos ou administrativos. Eles perderam todas as ações que impetraram até agora, mas estão protelando.

O samba e a capoeira foram reconhecidos como patrimônio imaterial, o que não se reverteu, até o momento, em políticas de incentivo a práticas.

O Iphan está desenvolvendo um programa de sustentabilidade tanto da capoeira quanto do samba. É lento? É. Primeiro porque o Brasil tem uma dimensão continental. E para construir um programa de sustentabilidade, você tem que ouvir as pessoas. Está em implementação um plano de aposentadoria para os mestres de capoeira idosos, da ordem de R\$ 1 mil por mês. Então essas manifestações que são consideradas patrimônio passam a ter prioridade nos eventos, indicações e intercâmbios que o Minc promove. «